

DE CLAUSURAS E CANONIZAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE MULHERES E CONVENTOS EM “A MONJA DE LISBOA”

Tatiana Alves Soares (CEFET-RJ)
tatiana.alves.rj@gmail.com

“A Monja de Lisboa”, romance histórico de Agustina Bessa-Luís, publicado em 1985, tem como protagonista Maria de Menezes, que adotara o nome de Maria da Visitação ao entrar para a vida religiosa. A freira afirmava que Cristo lhe aparecia e a visitava em sua cela, deixando-lhe chagas pelo corpo como marcas de sua aparição, chegando mesmo a colocar-lhe na testa sinais da coroa de espinhos. Quando a fraude foi supostamente descoberta – os estigmas teriam sido, na verdade, forjados com tinta, e a luz que se apossava de sua cela nada mais seria do que o efeito obtido com um fogareiro oculto –, a religiosa foi julgada pelo tribunal da Inquisição. Muito mais do que um romance com contornos históricos, oscilando entre a santidade e a possível sublimação de um desejo místico, “A Monja de Lisboa” estrutura-se a partir da dúvida acerca dos estigmas que teriam acometido a religiosa, numa narrativa que reflete acerca dos mecanismos de controle e do papel da Igreja, com suas atribuições e influências na esfera do poder. Por meio da denúncia da perigosa e conveniente aliança entre religião e política, a narrativa revela-se um poderoso retrato do Convento da Anunciada e do papel da mulher no Portugal do século XVI. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo uma análise da imagem da protagonista à luz dos arquétipos da louca, da mártir e da santa, faces recorrentes da mulher de então.

Palavras-chave: Biografia. Feminino. Literatura. Religião.